

DOI: <https://doi.org/10.30749/2594-8261.v2n2p210-244>

## VOZES FEMININAS DO ANARQUISMO NA ARGENTINA DOS SÉCULOS XIX E XX

### *FEMININE VOICES OF ANARCHISM IN ARGENTINA OF THE XIX AND XX CENTURIES*

Angela Maria Roberti Martins<sup>\*</sup>  
Ingrid Souza Ladeira de Souza<sup>\*\*</sup>

**Resumo:** Este texto propõe-se a uma leitura das ideias defendidas por algumas mulheres que militavam no movimento anarquista na Argentina, contribuindo para uma leitura do anarquismo no que se refere às relações de gênero. A partir de uma breve análise de determinados periódicos libertários encontramos diversas vozes femininas, as quais, durante anos, permaneceram silenciadas, sendo, nas últimas décadas, recuperadas por meio de pesquisas consistentes. No brado das militantes, verifica-se a presença constante de um posicionamento invocativo, constatando-se que as/os anarquistas, com maior ou menor intensidade, há anos discutiam e até pretendiam a subversão dos papéis sociais-sexuais atribuídos aos homens e às mulheres, de modo a produzir novas subjetividades. E, da mesma forma, dedicavam-se a combater o poder do Estado e os micros poderes, a transformar a vida econômica, as relações sociais opressivas, autoritárias, hierárquicas e desiguais.

**Palavras-chave:** Anarquismo; Mulheres; Vozes; Argentina; Imprensa.

**Abstract:** This text proposes a reading of the ideas defended by some women who militated in the anarchist movement in Argentina, contributing to a reading of the anarchism with regard to the relations of gender. From a brief analysis of certain libertarian journals we find several female voices, which, for years, have remained silent, being, in the last decades, recovered through consistent research. In the cry of the militants, there is a constant presence of invocative positioning, and it has been verified that the anarchists, to a greater or lesser degree, have been discussing and even attempting to subvert the social-sexual roles attributed to men and women, in order to produce new subjectivities. And, in the same way, they dedicated themselves to combating state power and micro-powers, transforming economic life, oppressive, authoritarian, hierarchical and unequal social relations.

---

<sup>\*</sup> Doutora em História Social pela PUC-SP. Docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e do Programa de Pós-Graduação em Humanidade, Culturas e Artes (PPGHCA) da UNIGRANRIO. Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). Na área de História, vem pesquisando, principalmente, os seguintes temas: anarquismo, imprensa libertária, literatura anarquista, imagens libertárias, história das mulheres anarquistas.

<sup>\*\*</sup> Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bolsista Mestrado Nota 10 pela FAPERJ.

**Keywords:** Anarchism; Women; Voices; Argentina; Press.

## 1 INTRODUÇÃO

Com o propósito de refletir sobre certas ideias políticas defendidas por algumas mulheres que militavam no seio do movimento anarquista argentino, problematizando as concepções apresentadas, esse texto está dividido em três breves partes.<sup>1</sup> Inicialmente, procuramos fazer um pequeno apanhado do que foi a experiência das mulheres anarquistas na Argentina, destacando algumas posições que tomaram e as influências que sofreram no âmbito de toda uma rede do anarquismo internacional. Em sua segunda parte, o artigo procura dar visibilidade a importantes propagandas anarquistas que eram direcionadas às mulheres, tomando como referência dois periódicos argentinos: *La Voz de la Mujer* (1896-1897) e *Nuestra Tribuna* (1922-1925). Ao fim, encontram-se problematizados alguns escritos de determinadas militantes, cujo tom é mais político e parece destinado a alcançar todos os anarquistas.

Em sua globalidade, nossa análise se debruça sobre os periódicos anarquistas que circularam numa conjuntura que compreende o decênio final do século XIX e se estende até os anos iniciais da década de 1920. As páginas desses jornais fazem continuamente uma problematização das questões sociais vigentes no período, à luz do ideal libertário.<sup>2</sup> Ao pesquisar os escritos femininos em diversos periódicos libertários percebemos que as mulheres estavam preocupadas com questões políticas que tinham grande influência sobre a vida de mulheres e homens, como a destruição do Estado, o fim da propriedade privada, a crítica à religião católica e seu clero, a propaganda da anarquia, a transformação das relações sociais opressivas, as mudanças na vida econômica, entre outras.

Os periódicos, as edições de escritos de caráter político-ideológico, a imprensa escrita em geral, são, desde a Revolução Francesa, uma forma de organização e luta política. A imprensa, mais especificamente os periódicos

---

<sup>1</sup> É importante destacar que, por política, entendemos toda ação que, mesmo distante dos canais formais e institucionais, pretende destruir a sociedade vigente e construir uma sociedade outra, fundada em um arranjo em que homens e mulheres têm autonomia para intervir no seu cotidiano. Nesse sentido, o anarquismo tem uma forte dimensão política, já que se trata de uma proposta, antes de tudo, revolucionária.

<sup>2</sup> No final do século XIX, em meio à intensificação das contradições da sociedade urbano-industrial e das relações do tipo capitalista, a chamada “questão social”, visceralmente ligada à desigualdade social crescente, agravava-se, fazendo crescer a militância anarquista na Europa e na América.

anarquistas, cumpria a função de organizar e aglutinar as ideias dos grupos e difundir suas concepções e ações. Conscientizar o trabalhador das condições históricas de sua exploração e dominação era uma das principais funções dos periódicos libertários, emergindo neles a crítica à sociedade capitalista e à autoridade do Estado, incluindo, também, a censura aos poderes menores que se manifestavam na vida cotidiana, além da propaganda do ideário anarquista.

Desse modo, o propósito principal deste artigo é revelar o protagonismo das vozes femininas do anarquismo argentino na América do Sul. Ao alcance dessas vozes encontram-se os periódicos nos quais as mulheres militantes se posicionaram sobre questões políticas de luta e levante da bandeira libertária no sentido da construção de formas mais livres de viver, sobretudo, para o universo feminino. Nessas vozes, verifica-se a presença constante de um chamamento, de posicionamento contestatório e de incentivo a almejada Revolução Social.

## **2 ¡QUERIDAS COMPAÑERAS! MULHERES ANARQUISTAS NA ARGENTINA**

Em fins do século XIX e início do século XX, com a chegada dos imigrantes europeus, em especial espanhóis e italianos, mudanças significativas ocorreram em solo argentino, sobretudo na capital, Buenos Aires, afetando o mundo do trabalho. As mulheres passaram do âmbito familiar/doméstico e começaram a se inserir no mercado de trabalho. Alguns setores viam essa inserção de maneira negativa, pois consideravam que poderia provocar a desarticulação da vida familiar e social. (LOBATO, 2000, p. 245).

Em censo realizado na década de 80 do século XIX, as mulheres estavam aglomeradas em atividades que começaram a ser definidas como tradicionais e que se encontravam registradas nos censos de 1869 e 1895. Há registro, também, que aumentava o número de mulheres trabalhando como professoras, caso, inclusive, de algumas anarquistas. Da mesma forma, expandia-se o número de mulheres trabalhadoras nas indústrias argentinas:

[...] concentración de mujeres en algunas actividades industriales, por ejemplo en las fábricas de fósforos, en las de cigarros y cigarrillos y en los frigoríficos. Con la expansión de otras ramas industriales en el

período de entreguerra la mano de obra femenina fue dominante en la industria têxtil.<sup>3</sup> (LOBATO, 2000, p. 246).

Na década de 1880 as mulheres começaram a entrar em conflitos com seus patrões, o que significava a transição das mulheres da esfera privada, marcada pelo ambiente familiar/doméstico, no qual a mulher ficava subjugada ao pai, depois ao marido e aos filhos, para a esfera pública, em que passava a se destacar como agente social, adquirindo destaque com seu trabalho. Os conflitos que se sucederam não foram numerosos, entretanto acabaram por chamar atenção da imprensa como um todo, como afirma Mirta Lobato:

Los conflictos protagonizados por las mujeres aunque no fueron numerosos eran lo suficientemente llamativos para atraer la atención de la prensa, tanto de las empresas periodísticas como las aquellas que contribuían a dibujar los contrapúblicos subalternos y en donde incluyo a los periódicos anarquistas y socialista, las hojas feministas y a los inestables periódicos gremiales.<sup>4</sup> (LOBATO, 2000, p. 247).

As páginas dos periódicos passaram a ficar repletas de informações sobre as mulheres, dando um destaque a sua atuação no que diz respeito ao mundo do trabalho. Qualquer informação, por menor que ela fosse, ganhava destaque e informava ao leitor sobre a situação de determinada manifestação e protesto protagonizada pelas mulheres.

Ainda no que dizem respeito a essas manifestações, as trabalhadoras começaram por exigir melhores condições de trabalho e a jornada diária de oito horas, na esteira de uma luta entre capital e trabalho que ganhava contornos internacionais. Exigiam, também, de seus patrões, o respeito, pois era prática comum a mulher ser assediada sexualmente em seu local de trabalho. (LOBATO, 1993, p. 65). Já nesse contexto, o sexo emergia como um diferencial na esfera da produção e as militantes clamavam pelo fim do aviltamento moral que patrões e

---

<sup>3</sup> Tradução livre: concentração de mulheres em algumas atividades industriais, por exemplo nas fábricas de fósforos, nas de cigarros e nos frigoríficos. Com a expansão de outros ramos industriais no período entre guerras, a mão-de-obra feminina foi dominante na indústria têxtil

<sup>4</sup> Tradução livre: Os conflitos protagonizados por mulheres não foram numerosos, mas suficientemente notáveis para atrair a atenção da imprensa, tanto as empresas jornalísticas como as que ajudaram a desenhar as contrapartes subalternas nas quais se incluíam os jornais anarquistas e socialistas, as folhas feministas e os instáveis jornais do sindicato.

encarregados impunham às trabalhadoras com a prática do assédio sexual. (MARTINS, 2013, p. 31).

A presença de militantes socialistas, anarquistas e de grêmios passou a ser comum entre as manifestantes, dando mais visibilidade a situação social na qual se encontrava a mulher trabalhadora. Os grêmios começaram a surgir exclusivamente para mulheres. E, com o passar do tempo, transformaram-se em sindicatos organizados, lançando as bases de um movimento feminista, impulsionado pelas socialistas. As mulheres militantes nas fileiras do socialismo buscavam uma transformação gradativa do sistema social vigente, por meio de reformar que assumiam como estratégias a ação política tradicional e o voto universal.<sup>5</sup> Ou seja, eram reformistas, identificando-se com os canais e as instituições formais de política e governo, de modo que não se mostravam alheias à ideia de contrato social e mesmo de delegações de poderes.<sup>6</sup>

Elas buscavam o apoio em leis que respaldassem de maneira firme e precisa os direitos das mulheres, como as oito horas de trabalho, a proibição da exploração da mão-de-obra de adolescentes e crianças no trabalho noturno, um descanso na semana, a proibição do trabalho a partir do quarto mês de gravidez. As socialistas, em vista disso, procuravam, nos meandros do próprio Estado, uma forma de resistir e conquistar direitos; resistir no sentido de garantir direitos por meio da autoridade estatal e suas instituições; além do que as socialistas se diziam feministas. (NARI, 2000, p. 278).

As mulheres anarquistas, por sua vez, não eram reformistas; pelo contrário, eram revolucionárias. Isto porque o anarquismo, apesar de suas diferentes orientações, pode ser visto

...como um sistema de filosofia social, visando promover mudanças básicas na estrutura da sociedade e, principalmente, – pois esse é o elemento comum a todas as formas de anarquismo – a substituição

---

<sup>5</sup> Por ação política tradicional entende-se a ação parlamentar. (WALTER, 2000, p. 68 et seq.).

<sup>6</sup> Socialistas e anarquistas lutavam pela construção de uma sociedade justa e igualitária, sem classes e sem Estado, mas seus métodos e estratégias de ação eram bem distintos, com os primeiros admitindo a participação na vida política com o exercício do voto, enquanto os segundos não admitiam a delegação de poderes por meio do sufrágio e propugnavam a ação direta como forma de atuação privilegiada, no sentido de o militante autogerir-se na luta pela anarquia. (ADDOR; DEMINICIS, 2009, p. 21-22).

do estado autoritário por alguma forma de cooperação não-governamental entre indivíduos livres. (WOODCOCK, 1983, p. 11).

Enquanto revolucionárias, as mulheres anarquistas eram favoráveis a uma transformação radical do sistema vigente, enquanto as socialistas, como reformistas, não lutavam por mudar toda a estrutura da sociedade de forma imediata e radical. Admitiam como estratégia, a participação gradual no jogo político do Estado, por meio dos canais formais e institucionais de poder. Ora, o anarquismo desejava (e ainda deseja) romper com qualquer forma de autoridade, principalmente a estatal, recusando o jogo político parlamentar, a fim de devolver a homens e mulheres o poder decisório sobre seu próprio destino.

Nessa perspectiva, as libertárias buscavam ampliar o papel das mulheres nas lutas sociais; até defendiam as conquistas diretas e materiais, como as melhorias nas condições de vida e de trabalho, mas direcionavam seus esforços, principalmente, para a transformação radical da situação das trabalhadoras, por meio da revolução. Mesmo distante dos canais formais e institucionais, pretendiam destruir a sociedade vigente e construir uma sociedade outra fundada num arranjo onde homens e mulheres teriam autonomia para intervir no seu cotidiano. Não queriam apenas melhorias das condições materiais de vida, buscavam emancipar-se daquela sociedade na qual se encontravam oprimidas e subjugadas.

Muitas mulheres trabalhadoras encontravam no ideário anarquista e seu movimento político espaço para elaborar e explicitar suas reivindicações, para problematizar questões referentes à condição especificamente feminina, sem subordiná-las, estrita e necessariamente, às questões de classe social. (RAGO, 1998, p. 21).<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A questão da opressão da mulher também foi alvo de debates nas fileiras marxistas, que viam na revolução a forma de libertação das mulheres. Nessa tradição, tal opressão tinha uma razão eminentemente econômica, fruto de uma sociedade dividida entre produtores e possuidores de riquezas, condicionada à luta de classes. A partir da organização dos partidos comunistas a luta das mulheres foi capturada por essa forma de organização, estando ligada a classe e ao partido revolucionário. Para as/os anarquistas seu programa era bem mais amplo, passando pela questão moral. Por isso, defendiam como necessária a libertação do modelo burguês de feminilidade que era imposto e a construção da “nova” mulher: a mulher liberta. Maria Lacerda de Moura chegou a declarar que “...o amor não poderia ser organizado pelo partido ou por qualquer ideologia...”. (TOLEDO, 2005, p. 120-134; RAGO, 1998, p. 24-25).

A educação, segundo as militantes anarquistas, seria a um braço da luta; uma força capaz de despertar a consciência crítica da mulher para combater os valores que tradicionalmente a hostilizavam, limitando sua ação transformadora.<sup>8</sup> A emancipação feminina haveria de ser uma obra própria da mulher, a partir da educação e do trabalho. Somente assim a mulher seria capaz de assumir as rédeas do seu próprio destino, ser a protagonista da sua própria libertação e história.

As socialistas eram criticadas pelas mulheres anarquistas; isto porque a mulher socialista se dizia integrante do movimento feminista e as mulheres libertárias não se identificavam com as principais bandeiras de luta desse movimento que emergia na época, como por exemplo, a transformação gradativa da sociedade vigente, e conseqüentemente do papel da mulher, por meio da ação político-parlamentar através do exercício do voto universal e da implementação de leis.

Nessa época, correntes do feminismo emergiam nos Estados Unidos, na Europa e mesmo na América do Sul, como na Argentina e no Brasil, entre outros países. Essa ideia de feminismo foi contestada pelas anarquistas, que renunciaram ao termo e, sobretudo, ao que ele representava na época: um movimento que incluía mulheres liberais e mulheres socialistas que lutavam pelos direitos políticos, notadamente, a participação eleitoral por meio do voto feminino, acreditando, como isso, no acesso da mulher à esfera pública. A rejeição das libertárias ao termo “feminismo” passava, também, pela identificação do movimento feminista com valores próprios das liberais e das socialistas reformistas.<sup>9</sup> (NARI, 2000, p. 278-279).

As anarquistas pensavam que não seria um código de leis criadas que igualaria homens e mulheres, mas somente a construção de uma nova sociedade pautada na extinção de qualquer autoridade, no fim da opressão por parte do homem. Ou seja, a igualdade entre os sexos seria alcançada apenas em uma sociedade outra, baseada na igualdade, justiça e solidariedade.

---

<sup>8</sup> Tratava-se de uma educação capaz de proporcionar às mulheres condições para (re)conhecer as razões da exploração social, bem como desmistificar as razões históricas que justificavam sua condição de subordinação. Nesse sentido, seria uma educação para romper com as técnicas e as artes consideradas inerentes à natureza feminina. (RAGO, 1985, p. 85; PERROT, 1992, p. 252; MARTINS, 2013, p. 35).

<sup>9</sup> O chamado feminismo burguês abrigava mulheres das classes sociais mais abastadas, sendo identificado com a premissa de que era possível a emancipação da mulher através da reformulação do sistema capitalista. Nessa época, o voto feminino era sua principal bandeira de luta.



Negar o termo “feminismo” e o movimento feminista deveu-se ao fato de que as mulheres anarquistas criticavam a participação das mulheres socialistas e liberais nos canais formais da vida política, como afirma Marcela Nari:

[...] en su mayoría, las feministas participaban en partidos y movimientos políticos-ideológicos. Algunas también se abrieron paso dentro del librepensamiento. Estas inclusiones siempre fueron conflictivas. Frecuentemente, provocaban irritaciones y desencantos. Existían, finalmente, feministas independientes aunque no demasiado alejadas de estas otras agrupaciones político-ideológicas puesto que el posible campo de alianzas necesarias era relativamente pequeño.<sup>10</sup> (NARI, 2000, p. 277).

As militantes anarquistas estavam sendo influenciadas pelas concepções de várias mulheres anarquistas de projeção internacional, como Emma Goldman e Louise Michel, que discutiam, fundamentalmente, a emancipação feminina e temas correlatos à sexualidade, como o amor livre, a livre união, a maternidade voluntária, além da religião e política. A intenção de produzir textos para serem publicadas na imprensa anarquista seria mobilizar as mulheres, despertá-las para sua própria emancipação. Para as anarquistas, não bastava incluir as mulheres no mundo dominado pela figura masculina, mas discutir as razões de tal domínio e destruir os poderes que organizavam essa referência. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 71).

Observa-se, no exercício da militância, uma grande aproximação das mulheres libertárias argentinas com as mulheres libertárias espanholas através das publicações periódicas, as quais faziam parte de uma rede de contatos e intercâmbio de informações para além das fronteiras. O periódico *La Voz de la Mujer*, foi testemunha dessa rede de colaboração, como apontou a pesquisadora Maxine Molyneux:

Aunque el periódico aceptaba artículos en cualquiera de las lenguas, los nombres de las redactoras, colaboradoras y contribuyentes indicaban la afinidad del periódico con el anarquismo español y con la comunidad inmigrante de España. Esto no es sorprendente, ya que fue primeramente desde España desde donde el feminismo

---

<sup>10</sup> Tradução livre: [...] em sua maior parte, feministas participavam de partidos e movimentos político-ideológicos. Algumas também caminharam em direção ao livre-pensamento. Essas inclusões sempre foram conflitantes. Freqüentemente, provocavam irritações e decepções. Havia, finalmente, feministas independentes, embora não muito longe desses outros agrupamentos político-ideológicos, uma vez que o campo possível de alianças necessárias era relativamente pequeno.

anarquista llegó a la Argentina. Incluso el material feminista de la prensa italiana era escrito, em gran medida, por autoras españolas.<sup>11</sup> (MOLYNEUX, 1997, p. 25).

Para compreensão do movimento das mulheres anarquistas é necessário entender que sua luta não se limitava a conquista de direitos iguais aos dos homens; desejavam a emancipação das mulheres. Essa emancipação da mulher não se resumia à igualdade entre os sexos, mas à libertação de homens e mulheres dos poderes político (Estado) e econômico (capitalismo) responsáveis pela sua escravização material e moral, como defendiam, por exemplo, algumas lideranças do movimento anarquista internacional como Kropotkin e Malatesta. (MARTINS, 2013, p. 27; 35). Nesse sentido, clamavam por liberdade, entendida em sua relação com a igualdade, posto que “uma não poderia existir sem a outra”. (WALTER, 2000, p. 13). Elas queriam liberdade, de modo que fossem respeitadas por suas escolhas, pela maneira que decidissem viver.<sup>12</sup>

Nas páginas dos periódicos libertários, temas como a emancipação feminina, a implementação da Anarquia, o amor livre, a livre união, o anticlericalismo, o antimilitarismo alimentavam os artigos escritos por mulheres. Nessa época, era incomum que os próprios periódicos fossem fundados, dirigidos e os textos redigidos por mãos femininas, como foi o caso dos que eram publicados nas folhas *La Voz de la Mujer* e *Nuestra Tribuna*. Esses jornais noticiavam e interagiam com outros movimentos de mulheres anarquistas da Espanha e da Itália, das quais compartilhavam textos, notas e informações.

As reivindicações tinham como pano de fundo a almejada emancipação feminina e caracterizavam diversos ambientes nos quais as mulheres estavam inseridas, em especial, a casa e o trabalho. A necessidade de fazer primeiro a revolução em casa, assumindo uma atitude libertária no espaço das relações

---

<sup>11</sup> Tradução livre: Embora o jornal aceitasse artigos em qualquer uma das línguas, os nomes das redatoras, colaboradoras e colaboradores indicavam a afinidade do jornal com o anarquismo espanhol e com a comunidade de imigrantes da Espanha. Isto não é surpreendente, uma vez que foi primeiramente da Espanha que o feminismo anarquista chegou à Argentina. Até mesmo o material feminista da imprensa italiana foi escrito, em grande parte, por autoras espanholas.

<sup>12</sup> “[...] A maioria dos anarquistas adota em primeiro lugar uma atitude libertária para com a vida pessoal e gostaria que houvesse uma escolha muito mais vasta de comportamentos pessoais e de relações sociais. [...] A exigência prioritária para uma sociedade livre é a abolição da autoridade e a expropriação da propriedade. [...]”. (WALTER, 2000, p. 47; 49).

cotidianas, para fazê-la, também, na sociedade, impulsionava a mulher a criar pensamentos/ações sobre questões que envolviam o matrimônio e, por consequência, o amor livre, a sua própria sexualidade, os interditos da religião, o trabalho doméstico e a vida das proletárias. Nessa perspectiva, o campo da moral assumia contornos fundamentais na luta das mulheres e homens anarquistas, ainda que não fosse, naquela época, evidentemente, uma unanimidade no seio do movimento.

### **3 PROPAGANDA ANARQUISTA ENTRE LAS MUJERES: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PROPAGANDAS DIRECIONADAS ÀS MULHERES ANARQUISTAS.**

Existia na imprensa anarquista em circulação na cidade de Buenos Aires diferentes periódicos com propostas que iam desde a propaganda pelo fato até o antimilitarismo, passando pela emancipação universal e pela reivindicação dos direitos das trabalhadoras e trabalhadores.<sup>13</sup> Alguns desses jornais discutiam em suas folhas a situação social da mulher na época, entretanto, isso não era uma prioridade.

Por volta de 1884, o periódico *La Lucha Obrera* publicou um panfleto dirigido às mulheres, de nome *La Mujer*. Pesquisadores(as) do anarquismo argentino acreditam que esse folheto foi o primeiro de propaganda anarquista na Argentina que se dirigia à mulher e tratava de sua situação social. O panfleto foi listado em 1927 pelo historiador Max Nettlau numa das primeiras obras de história geral sobre o anarquismo, o livro *Contribución a la bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914*. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2010, p. 5).

No ano de 1895, a biblioteca do periódico *La Questione Sociale* lançou uma série de folhetos denominados *Propaganda Anarquista entre las Mujeres*, divididos em quatro e escritos por duas mulheres e um homem; os textos comprometiam-se com questões dirigidas às mulheres.

La serie de *La Questione Sociale* no hace más que sintetizar lo que circulaba en notas dispersas en lo periódicos de la diversas

---

<sup>13</sup> A propaganda pelo fato ou pelo ato é a radicalização da ação direta, identificada com manifestações, motins, insurreições e atos pessoais de violência. Assaltos, terrorismo e atentados contra autoridades do governo são alguns exemplos da propaganda pelo fato. (CARONE, 1994, p. 40-41).

corrientes del anarquismo, pero se destaca por la envergadura de proyecto y porque se encuentran huellas de su lectura durante las tres décadas siguientes. Estableció, además, las autoras de referencia y los lineamientos básico para convocar a las mujeres con una evidente continuidad, ya que fueron reeditados por la editorial La Protesta como folleto único en 1920.<sup>14</sup> (FERNÁNDEZ CORDERO, 2010, p. 6).

Os dois primeiros escritos foram redigidos em 1895 por Anna Maria Mozzoni, que, segundo Fernández Cordero, foi uma livre pensadora italiana totalmente comprometida com a causa das mulheres. Seus panfletos foram *A las muchachas que estudian* e *A las hijas del pueblo*. O terceiro folheto intitulado *A las proletarias* foi escrito por Soledad Gustavo, importante libertária espanhola. As mulheres que escreveram essas propagandas eram vistas como altamente expressivas e ativas no movimento internacional anarquista, publicando constantemente textos que servissem como reflexão para outras mulheres que se encontravam em situação política e social degradante. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2010, p. 7). O quarto folheto publicado foi escrito por Giovanni Rossi, anarquista italiano e idealizador da Colônia de Cecília.<sup>15</sup> Seu folheto chamava-se *Un episodio de amor en la Colonia Socialista Cecília*.

A circulação do folheto *Propaganda Anarquista entre las Mujeres* tornou-se possível com a ajuda das colaborações voluntárias, através das listas de subscrições publicadas no próprio periódico *La Questione Sociale* e em outros veículos da imprensa anarquista. Todos os folhetos possuíam uma introdução que deixava claro o objetivo da publicação e a quem se dirigiam:

Con el objeto de propagar las ideas emancipadoras entre nuestras compañeras de trabajo y de miseria, LA QUESTIONE SOCIALE se propone publicar una série de folletos especiales para la propaganda entre las mujeres, en los que se tratarán todas aquellas cuestiones que tienen relacion directa con la emancipación económica, política y religiosa de la mujer. Dichos folletos se repartirán gratis y serán

---

<sup>14</sup> Tradução livre: A série de *La Questione Sociale* nada mais faz que sintetizar o que circulava em notas dispersas nos jornais das diversas correntes do anarquismo, mas se destaca pela escala do projeto e porque há indícios de sua leitura durante as três décadas seguintes. Também estabeleceu os autores de referência e as diretrizes básicas para a convocação de mulheres com uma evidente continuidade, uma vez que foram reeditadas pela editora La Protesta como um panfleto único em 1920.

<sup>15</sup> Foi uma comuna experimental com base nos ideários libertadores do anarquismo. Fundada em 1890 no estado brasileiro do Paraná.

costeados por suscripción voluntaria, cuyas listas se insertarán en LA QUESTIONE SOCIALE, dando esclarecimiento de los gastos de imprenta y de correo. Lo que simpatizen con nuestra iniciativa pueden abrir una suscripción voluntaria remitiendo las cantidades á nuestra Administración ó á cualquier periódico anarquista.<sup>16</sup> (LA QUESTIONE SOCIALE, 1895).

Com a publicação dos panfletos *La Mujer e Propaganda Anarquista entre las Mujeres* ganhava força os primeiros impulsos para divulgação de outros textos que centravam sua dimensão política e social inteiramente nas mulheres. Essas publicações chamaram a atenção da classe trabalhadora como um todo para o “problema da mulher”, aumentando a reflexão das próprias mulheres em torno das questões da opressão dos homens, da união conjugal negociada e imposta, da exploração sexual nas fábricas, da prostituição, entre outros temas. A exploração nas fábricas, a dominação masculina, a opressão religiosa, o papel tradicional de mãe-esposa-dona-de-casa e a falta de voz na sociedade podem ser exemplos do que então se entendia como “problema da mulher”.

Foi nesse contexto de mobilizações, reflexões e reivindicações femininas que entrou em circulação o periódico *La Voz de la Mujer*. Foram publicados nove exemplares entre os meses de janeiro de 1896 e janeiro de 1897. A folha se autointitulava o único periódico de mulheres para mulheres da América Latina. Porém, segundo evidências, não seria a primeira publicação escrita por mulheres na Argentina. Seria, isto sim, a primeira publicação anarquista escrita por mulheres e voltada especificamente para mulheres. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 81).

O projeto editor e administrativo ficou, inicialmente, por conta de Josefa M. R. Martinez, tendo a colaboração de Josefa Calvo e Pepita Gherra (Guerra)<sup>17</sup>. O quadro de colaboradores(as) era formado por mais de sete mulheres e um homem. Entre as articulistas femininas destacam-se duas: Rosário de Acuña e Soledad

---

<sup>16</sup> Tradução livre: A fim de difundir as ideias emancipadoras entre nossas companheiras de trabalho e miséria, *La Questione Sociale* propõe publicar uma série de folhetos especiais para a propaganda feminina, que tratará de todas as questões que têm relação direta com a emancipação econômica, política e religiosa. As referidas brochuras serão distribuídas gratuitamente e serão pagas mediante assinatura voluntária, cujas listas serão inseridas no *La Questione Sociale*, fornecendo esclarecimentos sobre as despesas de impressão e postagem. Os que simpatizam com a nossa iniciativa podem abrir uma assinatura voluntária, remetendo o conteúdo para nossa administração ou qualquer jornal anarquista.

<sup>17</sup> Trata-se de pseudônimos, por conta disso seus dados biográficos não puderam ser reconstruídos. Ver os periódicos *El Perseguido*, 08 dez. 1895 e *La Voz de la Mujer*, 31 jan. 1896.

Gustavo. Rosário de Acuña (1850-1923) foi uma escritora espanhola, livre pensadora, crítica e defensora da igualdade da mulher frente ao homem. Defendia, também, a educação e a laicidade do Estado e de suas instituições. Suas ideias se aproximavam do anarquismo. Publicou semanalmente em periódicos de Madri, incluindo o *La Mesa Revuelta*.

Soledad Gustavo (1865-1939), pseudônimo da libertária espanhola Teresa Mañé, foi uma das pioneiras da emancipação feminina na Espanha, ministrando várias conferências sobre o anarquismo e as mulheres, além de ser autora de diversas obras de análise através da perspectiva anarquista. No campo da imprensa libertária fundou e editou *La Revista Blanca* juntamente com seu marido Juan Montseny, que ficou conhecido pelo pseudônimo de Federico Urales. Seus textos foram publicados em diversos periódicos anarquistas argentino. (MUÑOZ, 2013, p. 214). A presença dessas duas espanholas aponta a popularidade do periódico por conta de suas ideias inovadoras e revolucionárias, além do seu alcance, inclusive entre as mulheres que não eram totalmente adeptas dos ideais anarquistas.

A tiragem do periódico *La voz de la mujer* variou entre 1.000 e 2.000 exemplares, sendo que os quatro primeiros números tiveram uma tiragem fixa de 1.000 exemplares. Para um periódico anarquista e feminino essa tiragem, no século XIX, pode ser considerada extremamente significativa. Sabe-se muito pouco sobre sua forma de distribuição, porém, o jornal era enviado para grupos libertários parceiros a fim de ser distribuído mais amplamente. Da mesma forma, era remetido a militantes que enviavam cartas solicitando remessas da folha e ainda entregues pelas próprias redatoras em portas de oficinas, fábricas. (LA VOZ DE LA MUJER, 1896, p. 122); (MOLYNEUX, 1997, p. 17).

As formas de financiamento da folha funcionavam por meio de subscrição voluntária das companheiras e companheiros simpatizantes com as ideias do periódico. Logo no cabeçalho, o jornal informava à leitora e ao leitor sobre esse modelo de financiamento “por suscripción voluntaria”. (LA VOZ DE LA MUJER, 1896, p.43), o que era comum na imprensa anarquista e operária do período.

O lançamento do *La Voz de la Mujer* realizava o desejo das redatoras de representar a voz feminina. Era preciso mostrar às outras mulheres que elas não

estavam sozinhas e que através do jornal teriam uma voz de resistência contra o que as redatoras consideravam uma vida degradante e explorada.

A recepção do periódico por parte dos companheiros (homens) foi negativa; as redatoras receberam duras críticas sobre a fundação da folha. Os homens afirmavam que a iniciativa teria sido totalmente desnecessária, argumentando que as propagandas promovidas por homens em jornais libertários já seriam suficientes para abordar a situação das mulheres na sociedade. Segundo Molyneux “dado que no parece haber signos de esta oposición en el resto de la prensa anarquista del período, es probable que estas críticas hayan sido expresados oralmente.”<sup>18</sup> (MOLYNEUX, 1997, p. 21). Provavelmente essas críticas foram pronunciadas em conferências.

As temáticas do periódico *La Voz de la Mujer* podem ser divididas em duas dimensões: as temáticas próprias do socialismo-libertário e as temáticas exclusivas das mulheres. Algumas temáticas do socialismo-libertário são: anticlericalismo, exploração do capital, antimilitarismo, propaganda pelo fato, combate ao Estado, a religião, ao clero; as temáticas exclusivas das mulheres são: emancipação feminina, sexualidade, amor livre, união livre, maternidade consciente, tráfico de mulheres, entre outros temas correlatos.

O periódico *La Voz de la Mujer* desapareceu no dia 01 de janeiro de 1897 após a publicação de um aviso intitulado *A los lectores* explicando a todos os porquês do término do jornal. O texto faz uma pequena retrospectiva do jornal durante seu primeiro ano, ressaltando suas lutas e seus objetivos, além de enfatizar a precariedade da propaganda anarquista voltada para as mulheres, considerada muito deficitária. Alegando falta de recursos financeiros, uma tendência que predominava na imprensa libertária da época, as redatoras decidiram encerrar a folha.

A escrita de mulheres na imprensa anarquista, na virada do século, diminuiu consideravelmente, retornando a partir de 1905. Alguns artigos podem ser encontrados no periódico *La Protesta*<sup>19</sup>, tratando de questões femininas, bem como

---

<sup>18</sup> Tradução livre: “como parece não haver sinais dessa oposição no resto da imprensa anarquista do período, é provável que essas críticas tenham sido expressadas oralmente”

<sup>19</sup> Até 1903 o nome do periódico era *La Protesta Humana*. (ROMANI, 2017, p. 60).

do trabalho. Não faltavam denúncias de casos de violência contra as militantes anarquistas e as mulheres em geral. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 195).

A maioria dos escritos das anarquistas encontravam-se no periódico *La Antorcha*, no qual mulheres estrangeiras como Angelina Arratia, Emma Goldman e Federica Montseny tiveram seus textos publicados, sempre direcionados às mulheres anarquistas e contemplando as mais variadas temáticas. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 195-196).

Na década de 20 do século XX, após a Primeira Grande Guerra e a Revolução Russa, a questão social voltou a se mostrar muito importante para o movimento anarquista na Argentina. Tratava-se de um período não só de crises econômicas e políticas, como, também, de fortes tensões sociais em virtude da renovação das esperanças no futuro do socialismo.

Após o desaparecimento do *La Voz de la Mujer*, em janeiro de 1897, outro periódico feminino surgiria no cenário anarquista argentino, em outra conjuntura, na década de 1920: o *Nuestra Tribuna*. Embora não fizesse menção ao seu antecessor, separados que estavam por de 25 anos, a nova folha também conclamava as mulheres a lutarem pelos seus direitos aos “prazeres da vida”. O grupo editor contava com Fidela Cuñado, Terencia Fernández e María Fernández e durante toda a sua existência esteve sob a administração e redatoria de Juana Rouco Buela, importante militante do anarquismo e dedicada propagandista das mulheres e da *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA). (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 200).

Sua primeira edição apareceu em 15 de agosto de 1922 na província de Necochea e seu encerramento ocorreu por volta de 01 de julho de 1925, na cidade de Buenos Aires. De publicação quinzenal, esse periódico feminino apresentou uma tiragem de aproximadamente 2.500 exemplares.

O jornal priorizava artigos escritos por mulheres, rechaçando qualquer possibilidade de publicar ensaios que tivessem pseudônimos como assinaturas. Grandes mulheres anarquistas como Soledad Gustavo, Teresa Claramunt e Federica Montseny tiveram parte de suas obras publicadas no “quincenario



femenino de ideas, arte, crítica y literatura”<sup>20</sup>. Entretanto, a intelectualidade anarquista era pouco valorizada pelo grupo editor; as militantes contavam com um espaço de participação maior no jornal, onde a anarquista anônima era valorizada e estimulada a se expressar. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 205).

Como os outros periódicos anarquistas, o *Nuestra Tribuna* se posicionava contra qualquer prática burguesa, enfrentando as críticas de homens e mulheres das elites argentinas. O periódico era visto como uma oportunidade das mulheres para incentivar novas mulheres a discutir questões femininas e os *temas anárquicos* que estavam em evidência no século XX.

El periódico brindaba una nueva oportunidad a las mujeres para practicar la recitación de la doctrina e instalar en el campo los tópicos que consideraban prioritarios, o - como ellas mismas decían - convertir en “temas anárquicos” las cuestiones que les preocupaban. Así, dedican catorce editoriales a la emancipación de la mujer y a las relaciones sexuales y afectivas, con especial énfasis en la maternidad y la educación de los niños.<sup>21</sup> (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 205-206).

Além das temáticas femininas o periódico se ocupava, também, de temas abordados por diferentes periódicos anarquistas, assim como seu predecessor *La Voz de la Mujer*. Os temas antimilitarismo, religião, guerra, comemoração de datas festivas para os militantes e outros apareciam com frequência nas páginas do jornal de Juana Buela.

Igualmente ao *La Voz de la Mujer*, o *Nuestra Tribuna* enfrentou resistência de parte dos militantes anarquistas, rompendo relações com diversos periódicos, como *La Protesta*. Os periódicos *Ideas* e *La Antorcha* mantiveram sua aproximação com o “quinzenario” de Buela e seguiram recolhendo contribuições financeiras para manutenção do jornal.

[...] de todos modos, por cercanía ideológica y por las notas acusatorias e injuriosas que publicó *La Protesta* contra el grupo de

<sup>20</sup> Tradução livre: “quinzenário feminino de ideias, arte, crítica e literatura.”

<sup>21</sup> Tradução livre: O jornal oferecia uma nova oportunidade para as mulheres praticarem a propaganda da doutrina e instalarem no campo os tópicos que consideravam como privilégios, ou - como elas próprias diziam - para transformar em “tópicos anárquicos” as questões que as preocupavam. Assim, catorze editoriais dedicam-se à emancipação das mulheres e às relações sexuais e afetivas, com especial ênfase na maternidade e na educação das crianças.

Necochea, Rouco y sus compañeras tenían mayor afinidad con *Ideas* de La Plata y con *La Antorcha* de Buenos Aires. De hecho, rompieron con *La Protesta* (“esa gentuza indecente”) y decidieron dejar de recibir dinero de suscripciones por su intermedio (nº 36, 1924). En medio de esta batalla, las redactoras tomaron una posición propia y se negaron a publicar réplicas porque lo consideraban fatal para la prensa libertaria. (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 214).

Sem pretensão de nos alongar no conceito ou de fazer qualquer comparação simplista com outros periódicos, podemos afirmar que o *Nuestra Tribuna* possuía uma característica peculiar; um periódico feminino anarquista contrafeminista.

Em seu livro pioneiro intitulado *Anarquismo, educacion y costumbres en la Argentina de principios de siglo*, Dora Barrancos usou palavras paradoxais para definir o contrafeminismo do anarquismo feminino. Segundo a autora, o contrafeminismo caracteriza o rompimento das mulheres anarquistas com o movimento feminista da época. O movimento feminista idealizava uma política de reformas, quando o movimento de mulheres anarquistas e o anarquismo em geral visavam à ação direta em prol da Revolução Social e da transformação humana; qualquer tipo de intervenção estatal ou participação nos canais formais de política e poder, como por exemplo, o jogo parlamentar, a luta pelo voto feminino, eram rejeitados pelas mulheres anarquistas. (BARRANCOS, 1990, p. 265).

O periódico se posicionou contra o movimento feminista, se declarando apenas anarquista e feminino, embasando sua posição com artigos contrários ao movimento feminista crescente na Argentina no século XX. Sobre o anarquismo e o movimento feminista, Laura Fernández Cordero argumenta:

[...] sí avanzamos hacia el siglo XX y observamos el desarrollo del feminismo en sí, notamos que el consenso en el mundo anarquista tendió a ser crítica y descarte de esa etiqueta: consideraba al feminismo un movimiento burgués, con fines tan inaceptables como los de solucionar la subordinación de las mujeres con la conquista de derechos políticos (entre ellos, el sufragio). Sin embargo, ese rechazo se dio con algunos matices: para seguir con el juego de palabras, hubo momentos en que puede apreciarse un feminismo del contrafeminismo anarquista; es decir, una oportunidad de no desechar todas las promesas que abría esta nueva expresión política impulsada por las mujeres primero en Europa y, desde los primeros

años del siglo XX, en la Argentina.<sup>22</sup> (FERNÁNDEZ CORDERO, 2017, p. 70).

As mulheres no movimento anarquista argentino firmaram suas posições tentando dar maior visibilidade aos problemas femininos. Seus escritos estavam recheados de denúncia e protesto; revelaram, por meio de seus escritos, intelectualidade e interesse pela política, cultura e sociedade. Militantes como Pepita Gherra, Virginia Bolten e Juana Rouco Buela se destacaram na luta não só pela condição feminina, como também pelas questões políticas que visavam à transformação social.

## **4 YA ESTAMOS EN MARCHA: ALGUNS ESCRITOS DE MULHERES ANARQUISTAS**

### **4.1 A voz de Pepita Gherra (Guerra)**

Na defesa das mulheres e em prol da implementação da anarquia, Pepita Gherra (Guerra) foi colaboradora assídua de periódicos anarquistas de diversas correntes no final do século XIX. No periódico *La Voz de la Mujer* produziu sistemáticos conteúdos para a publicação, assumindo quase toda autoria da folha a partir do exemplar de número sete; ao todo foram 12 artigos. Posteriormente, voltou a escrever nos periódicos *La Protesta Humana* e *El Rebelde*, o qual foi fundado em 1898 e se opunha às tendências organizadoras predominantes no interior do movimento anarquista depois do ano de 1897. O periódico *El Rebelde* rivalizou, principalmente, com o *La Protesta Humana*. (OVED, 1978, p. 96-97).

Pepita Gherra tem suas origens desconhecidas, entretanto, por seus escritos conseguimos encontrar mudanças de posições dentro do movimento anarquista.

---

<sup>22</sup> Tradução livre: [...] se avançarmos em direção ao século XX e observarmos o desenvolvimento do próprio feminismo, notamos que o consenso no mundo anarquista tendeu a ser crítico e descartou esse rótulo: considerava o feminismo um movimento burguês, com propósitos tão inaceitáveis quanto os de resolver a subordinação das mulheres com a conquista dos direitos políticos (entre eles, o sufrágio). No entanto, essa rejeição ocorreu com algumas nuances: para continuar com o jogo das palavras, houve momentos em que um feminismo do contrafeminismo anarquista pode ser apreciado; isto é, uma oportunidade de não rejeitar todas as promessas que vinham desta nova expressão política iniciada pelas mulheres primeiro na Europa e, desde os primeiros anos do século XX, na Argentina.

Seus artigos no *La Voz de la Mujer* apresentam algumas singularidades como o uso de uma linguagem intimista, mudanças de discursos no que se refere a ser anti-organizacionista ou organizacionista.<sup>23</sup> Gherra apresentava uma tendência mais anti-organizacionista.

Enquanto sua empreitada no periódico *El Rebelde* não começava, Gherra escreveu dois artigos no jornal *La Protesta Humana*. O primeiro artigo foi publicado em 27 de junho de 1897 e o segundo em 01 de agosto de 1897, publicando logo nos primeiros números desse periódico que viria a se transformar no mais importante do movimento anarquista da Argentina nos princípios do século XX. Esse crescimento do *La Protesta Humana* se deu por conta de seu trabalho em conjunto aos organizacionistas.

Gherra, no artigo *Política*, publicado no dia 01 de agosto de 1897 no periódico *La Protesta Humana*, procura responder aos comentários do político Galantes que circularam em outro jornal (*La Montaña*). O artigo de Galantes discorria sobre a polêmica relação entre anarquistas e socialistas.

Pepita Gherra procura fazer uma análise breve do artigo, de modo a situar suas leitoras e leitores sobre as diferenças entre os socialistas e anarquistas. Metodologicamente, seu texto está dividido em cinco partes e direcionado ao público anarquista e, principalmente, ao político Galantes.

Primeiramente, Pepita Gherra caracteriza Galantes como todo bom político, demonstrando que suas afirmações não têm nenhum tipo de embasamento teórico ou fatos científicos e sociais que pudessem comprovar as relações entre o Socialismo e o Anarquismo. Marcando uma posição de conflito, Pepita Gherra deixa claro que seu texto será na direção de uma refutação ao que foi escrito no artigo *Socialistas y Anarquistas* de Galantes.

Galantes, como todo buen político, el autor del artículo titulado *Socialistas y Anarquistas* aparecido en el Nº 8 de *La Montaña*,

---

<sup>23</sup> Trata-se de correntes filosófico-ideológicas que geraram grande debate no interior do movimento anarquista no final do século XIX. Essas correntes possuíam diferentes orientações de ação no que se refere à divulgação de ideias e à aproximação do anarquismo com o proletariado. Os organizacionistas tinham o periódico *La Protesta Humana* (comunista anárquico) como principal expoente e os anti-organizacionistas se expressavam através do *El Perseguido* (individualista). Os anti-organizacionistas ficaram conhecidos pelas práticas da propaganda pelo fato e foram chamados de *dinamiteros*. (ROMANI, 2017, p. 58).

despues de *afirmar sin demostrar*, termina ofienciando las columnas del referido periódico para todo escrito ó *polémica* en que quiera tratar-se y analizar la diferencia que entre *Socialistas y Anarquistas* hay. Como quiera que nosotros, los anarquistas, estamos muy poco acostumbrados á tales liberalidades, yo no me he atrevido á dirigir la presente diretamente a *La Montaña* por temor á que mi manera de pensar al estar en desacuerdo con la de los redactores del referido colega...

Pido, pues, á los compañeros de *La Montaña* hospitalidad para los trabajos que me propongo enviarles en refutación de lo que afirman bajo el rubro Socialistas y Anarquistas.<sup>24</sup> (LA PROTESTA HUMANA, 1897, p. 1).

Pepita volta-se para esclarecer sobre política; não a política de movimentos como o anarquismo, que por meio da revolução social visavam à transformação das condições de existência; mas a política exercida nos âmbitos de poder instituído, a política de governo, formadora das bases do Estado e da delegação de poderes. Historicamente, o anarquismo, e por extensão seus militantes, incluindo as mulheres anarquistas argentinas, não acreditavam no modo de fazer política dos que se diziam representantes do povo. Os/as anarquistas sempre rejeitaram as instituições parlamentares na medida em que sua existência pressupõe que o indivíduo abdicou de sua soberania ao permitir que um representante fale e tome decisões em seu nome.

Em seu artigo, a autora esclarece o que é política tomando como referência o dicionário da Real Academia Espanhola, e diz:

El dicionário de la muy Real Academia Española dice; definiendo la palabra: “Política”, Arte de gobernar. Dar leyes y reglamentos para mantener la tranquilidad y seguridad pública, orden y buenas costumbres.<sup>25</sup> (LA PROTESTA HUMANA, 1897, p. 1).

---

<sup>24</sup> Tradução livre: Galantes, como qualquer bom político, é o autor do artigo intitulado *Socialistas e Anarquistas* que apareceu no n.º 8 de *La Montaña*, depois de afirmar sem demonstrar, acaba oferecendo as colunas do referido jornal para toda a escrita ou controvérsia em que ele quer tratar e analisar a diferença existente entre socialistas e anarquistas. Como nós, anarquistas, estamos muito pouco acostumados com tais liberdades, não me atrevi a dirigir diretamente o presente para *La Montaña*, por medo de que meu modo de pensar seja desacreditado com o dos editores daquele colega... Peço, então, aos companheiros de *La Montaña* hospitalidade pelos trabalhos que proponho enviar em refutação do que afirmam no item Socialistas e Anarquistas.

<sup>25</sup> O dicionário da própria Real Academia Espanhola diz: definindo a palavra “Político”, Arte de governança. Dar leis e regulamentos para manter a tranquilidade e segurança pública, ordem e os bons costumes.

A autora argumenta que os socialistas fazem o papel de agregadores políticos, organizam os trabalhadores para entrarem na vida política e representar a classe proletária nas diversas instâncias de poderes do Estado. Sendo a política a “arte de governar” e ditada por leis e regulamentos, os socialistas, segundo Pepita Gherra, sofreram com a opressão de outros socialistas que são os encarregados a fazer cumprir a lei:

Los socialistas, que no son diccionario dicen á su vez: Trabajadores, organizaos para poder entrar en la lucha política. Ahora, bien, para gobernar, y dar leyes y reglamentos, es preciso que haya á quien darlos e imponerlos. Los socialistas que tanto se afanan por conseguir encauzarnos en la política que es lo que pretenden enseñarnos ¿ á hacer y dar leyes y reglamentos, ó á soportarlos?<sup>26</sup> (LA PROTESTA HUMANA, 1897, p. 1-2).

Errico Malatesta, representante italiano do anarquismo internacional, também argumentou neste sentido:

O governo faz a lei. Deve, portanto, dispor de força material (exército e polícia) para impor a lei. De outra forma, obedeceria quem quisesse, e não existiria mais lei, mas uma simples proposição, que qualquer um seria livre para aceitar ou recusar. Os governos possuem esta força e servem-se dela para reforçar sua dominação, no interesse das classes privilegiadas, oprimindo e explorando os trabalhadores. (MALATESTA, 1989, p. 32-34).

Pepita Gherra rebate, ainda, as afirmativas feitas por Galantes no encerramento do seu artigo, quando escreve sobre o funcionamento das estruturas estatais. Ela argumenta sobre a posição dos anarquistas no que diz respeito ao Estado e à propriedade. Os anarquistas acreditam que o Estado e o governo são consequência de uma dominação sistêmica e da violência que os homens (leia-se mulheres e homens) impõem uns aos outros. (MALATESTA, 1989, p. 32).

Vaya, vaya, sin duda, es por eso que asegura, que los anarquistas decimos ó creemos que la propiedad vive del Estado mientras que ellos dicen lo contrario. Lo que creen los anarquistas y afirman, es que tanto el Estado como la propiedad son dos cánceres que

---

<sup>26</sup> Tradução livre: Os socialistas, que não são dicionários, dizem por sua vez: Trabalhadores, se organizam para poder entrar na luta política. Agora, bem, para governar e dar leis e regulamentos, deve haver alguém para lhes dar e lhes impor. Os socialistas que se esforçam tanto para nos levar à política querem nos ensinar a fazer e dar leis e regulamentos, ou a apoiá-los?

devoran al pueblo, y como esta verdad es innegable, ¿que importa que la primera sea hija del segundo ó el segundo de la primera?<sup>27</sup>  
(LA PROTESTA HUMANA, 1897, p.2).

Pepita Gherra conclui seu artigo fazendo um breve panorama do que é a política institucional e suas consequências. Entretanto, demonstra que somente a luta política é bem aceita pelas mulheres e homens anarquistas. Segundo Malatesta, por luta política os anarquistas entendem como “a luta contra o governo. O governo é o conjunto dos indivíduos que detêm o poder de fazer a lei e de impô-la aos governados, isto é, ao público”. (MALATESTA, 1989, p. 32).

Ainda segundo Gherra, a política governamental e partidária escraviza e demoniza o povo, cerceia sua liberdade individual e atrai dor e infelicidade, sendo o verdadeiro golpe na população. Os políticos são homens que não desejam o pensamento crítico, que promovem guerras entre as nações e que massacram homens e mulheres que não entendem as verdadeiras ambições dos superiores.

[...] la traición de Campos en el Parque el año 90, política fué, la traición de Lamas y Saraiba política es, la traición de Bernadote, política fué, la traiciónn que costó millares y millares de victimas á los comuneros franceses, política, la traición de la venta de Trafalgar, política, la infamia que la Europa armada cometió con Grecia, política, la infamia de la alianza Argentino Brasileira contra el Paraguay, política, la massacre de Fourmies, política, las prisiones, los asesinatos misteriosos, y todo cuanto es infamia doble de miras, negrura de corazón, todo lo ruin, lo falso, lo repugnante lo asqueroso, política, los robos, los fraudes, política son.... ¡Oh, basta, basta, dejadnos ya de política.

Dicen que se nos quiere adiestrar, educarnos, darnos á conocer nuestros derechos, educadnos en buen hora pero no politicamente.<sup>28</sup>  
(LA PROTESTA HUMANA, 1897, p. 2).

---

<sup>27</sup> Tradução livre: Vá, vá, sem dúvida, é por isso que os anarquistas dizem ou acreditam que a propriedade vive do Estado enquanto que eles dizem o contrário. O que os anarquistas acreditam e alegam, é que tanto o Estado quanto a propriedade são dois tipos de câncer que devoram o Povo, e como está verdade é inegável, que importa que a primeira seja filha do segundo ou o segundo da primeira?

<sup>28</sup> Tradução livre: [...] a traição de Campos no Parque no ano 90, política foi, a traição de Lamas e da política Saraiba é a traição de Bernadote, política foi, a traição que custou milhares e milhares de vítimas aos comunardos franceses, política, a traição da venda de Trafalgar, política, a infâmia que a Europa armada cometeu com a Grécia, política, a infâmia da aliança argentino-brasileira contra o Paraguai, política, o massacre de Fourmies, política, as prisões, os misteriosos assassinatos e tudo o que é infâmia de mente dupla, negritude de coração, todo o mal, o falso, o nojento, o repugnante, política, os roubos, as fraudes, as políticas são ... Oh, chega, chega, nos deixa enjoados de política. Eles dizem que querem nos treinar, nos educar, nos fazer conhecer os nossos direitos, nos educar em um bom tempo, mas não politicamente.

Seu artigo, ou melhor, sua resposta ao texto de Galantes, é finalizado com uma pergunta direcionada aos redatores do periódico *La Montaña*, onde expressa seu descontentamento com o conteúdo publicado pelos diretores e com a promoção gratuita de uma forma de “fazer” política que os anarquistas não acreditam. Nota-se, no artigo de Gherra, a recomendação aos homens e mulheres para colocarem suas forças na luta política transformadora, pois é pela luta que a humanidade conquistará a sua emancipação. Essa luta precisa ter base em um projeto de transformação social, moral e sexual dos libertários, bem como num plano de vida libertário, sem hierarquias, colocando em prática os principais pontos do programa anarquista.<sup>29</sup>

#### 4.2 As palavras de Virginia Bolten

A cidade de Rosário<sup>30</sup>, no início do século XX, despontou como um dos grandes centros do anarquismo na Argentina e na América Latina. Nela vivia a conhecida libertária Virginia Bolten com seu marido Manuel Manrique. Ambos participaram continuamente das atividades de propaganda em prol do anarquismo dentro e fora do território argentino.

A “Louise Michel” de Rosário, como Bolten ficou conhecida, publicou em diversos periódicos anarquistas a partir do ano de 1899; teve participação ativa no jornal *El Rebelde* onde apareceu pela primeira vez em 1899 anunciando a versão rosarina do *La Voz de la Mujer*. Pertencia ao grupo *Las Proletarias* juntamente com outras duas militantes do anarquismo. Vários de seus escritos e avisos foram publicados no periódico *La Protesta Humana*, no qual teve presença destacada entre os anos de 1899 e 1910.

Diante da repressão aos anarquistas imposta pela Lei de Residência de 1902, Virginia e seu marido foram expulsos da Argentina, abrigando-se no Uruguai.

---

<sup>29</sup> O programa anarquista visava, basicamente, abolir a propriedade privada da terra, destruição do governo e do poder da lei, abolição das religiões e do patriotismo e a reorganização da vida social e a formação de um novo homem e de uma nova mulher. (MALATESTA, 1989, p. 20-21).

<sup>30</sup> Após as greves em Buenos Aires e o aumento da perseguição muitos libertários migraram para Rosário, criando Centros de Estudos Anarquistas e escolas libertárias. Por volta do ano de 1901, depois de uma greve geral, a cidade de Rosário se consolidou como a “Barcelona Argentina”. (PRIETO; FERNÁNDEZ CORDERO; MUÑOZ, 2014, p. 210).



Seus primeiros passos em Montevideu dão conta de que ela passou a integrar centros de estudos dedicados ao anarquismo; centros que eram administrados por anarquistas com as quais Bolten se correspondia.

La primera noticia que tenemos de Bolten en Montevideo posterior a su inclusión en la mencionada lista de “anarquistas y agitadores que deben ser vigilados”, data del 27 de diciembre de 1902, cuando participa de la inauguración del Centro Estudios Sociales del Cerro, ubicado en el Salón Silva, calle Inglaterra nº 5.<sup>31</sup> (PRIETO; FERNÁNDEZ CORDERO; MUÑOZ, 2014, p. 212).

Em Montevideu, Bolten participou de inúmeras conferências ao lado de anarquistas como Orestes Ristori e Joaquín D. Barbarena. Suas palestras eram muito elogiadas pela grande eloquência e objetividade, sempre integrando as mulheres às causas anarquistas e valorizando o papel do trabalhador e da trabalhadora na sociedade. (PRIETO; FERNÁNDEZ CORDERO; MUÑOZ, 2014, p. 212-213).

Em sua estada em Montevideu, Virginia Bolten publicou oito notas no periódico *El Obrero*, em que se encontram textos que incentivam a violência como forma de luta anarquista. O grupo de *El Obrero* participava ativamente da organização de conferências e de variados conflitos com outros segmentos da sociedade uruguaia, tomando parte, principalmente, nas assembleias em grêmios de trabalhadores, assim como a própria Virginia. (PRIETO; FERNÁNDEZ CORDERO; MUÑOZ, 2014, p. 215).

Entre os textos que Bolten publicou no *El Obrero* um se destaca; trata-se do artigo *¿Por qué se lucha?* que saiu na edição do dia 01 de junho de 1905. Neste ensaio, Virginia fala sobre a necessidade de se rebelar contra uma sociedade que explora o trabalhador e a trabalhadora; de se voltar contra os patrões que desfrutam de todo o esforço produzido.

A militante reconhecia que o trabalhador e a trabalhadora eram a base da sociedade; eram eles que produziam toda riqueza social em suas mais diversas dimensões, portanto, eram os “herdeiros” naturais de tudo que geravam, mas não

---

<sup>31</sup> Tradução livre: A primeira notícia que temos de Bolten em Montevideu, após sua inclusão na lista de “anarquistas e agitadores que devem ser vigiados”, data de 27 de dezembro de 1902, quando participa da inauguração do Centro de Estudos Sociais do Cerro, localizado no Salão Silva, à rua Inglaterra nº 5.

usufruíam essa riqueza. Não só o trabalho, mas as ciências e as artes eram vistas como uma produção da classe trabalhadora, embora fossem apropriadas pela classe burguesa:

Sabido es que el obrero constituye la base de toda riqueza social, ya produciendo en las ramas de la industria como en las artes y las ciencias; por lo tanto el heredero universal de cuanto existe, ya que nadie puede llamarse propietario, ni aún de sus propios inventos, ni dañar los intereses ajenos, puesto que todos los que han luchado por la conquista de ese o parecido invento, también han contribuido a la gran obra.<sup>32</sup> (EL OBRERO, 1905).

Os burgueses são aqui representados como parasitas, figuras que nada produzem, mas que tudo roubam; são enxergados e descritos por Virginia Bolten como aqueles que nada fizeram pelo bem-estar da humanidade, suas relações com trabalhadores giravam em torno da opressão e da arbitrariedade. Essas atitudes burguesas, segundo a articulista, eram apoiadas pelo Estado e pela Igreja, os braços do capitalismo e da exploração.

De lo dicho se desprende que los únicos que no tienen derecho a disfrutar de lo que actualmente representa la riqueza social, son los que no han hecho nada, pero que, por una dolorosa arbitrariedad son los únicos que gozan de todas las comodidades y placeres de la vida y luego, para colmar la medida de la injusticia, se erigen en nuestros jueces, pretendiendo ser a nosotros superiores.<sup>33</sup> (EL OBRERO, 1905).

Depois de explicar sobre a situação de exploração e opressão a que estavam submetidos os trabalhadores e as trabalhadoras, Virginia Bolten sugeria que por meio da luta política, assim como afirmou Pepita Gherra, eles e elas alcançariam a sua emancipação social, lutando contra o que chamava de “sistema social esmagador”. A luta abriria novos caminhos para os anarquistas, ainda que

---

<sup>32</sup> Tradução livre: Sabe-se que o trabalhador é a base de toda a riqueza social, já produzindo nos ramos da indústria como nas artes e nas ciências; portanto, o herdeiro universal de tudo o que existe, já que ninguém pode ser chamado de proprietário, nem mesmo de suas próprias invenções, nem prejudicar os interesses de outros, já que todos aqueles que lutaram pela conquista dessa ou de outra invenção similar também contribuíram para o grande obra.

<sup>33</sup> Tradução livre: Pelo que foi dito, fica claro que os únicos que não têm o direito de usufruir do que atualmente representa a riqueza social são aqueles que não fizeram nada, mas que, por uma dolorosa arbitrariedade, são os únicos que gozam de todos os confortos e prazeres da vida e, em seguida, para preencher a medida de injustiça, se erguem como nossos juizes, alegando ser superior a nós.

enfrentassem a resistência e as críticas dos que não aceitavam as ideias revolucionárias pautadas nas concepções libertárias.

Para Virginia, mulheres e homens precisavam estar preparadas para encarar a luta contra esses grupos grandes em poder aquisitivo e pequeno em número de pessoas. A consciência de sua condição estimularia esses trabalhadores e trabalhadoras a buscar a reparação de seu lugar social, além de colaborar com os demais no sentido de os fazerem compreender as bases da sociedade em que viviam e em quais condições viviam.

Por eso es necesario prepararse a la lucha contra toda esa cohorte de grandes pequeños que cuentan con la ignorancia del pueblo y falta de ideales; deslindar posiciones concisamente, para que todos los interesados nos entiendan y no sirvan inconscientemente de puntal a una sociedad decrepita e impostora que después de humillarlos tiene el cinismo de despreciarlos.<sup>34</sup> (EL OBRERO, 1905).

Virginia Bolten finaliza seu texto explicando ao trabalhador e a trabalhadora que era preciso reivindicar sua posição social, era preciso mudar sua posição e ocupar seu lugar no “banquete da vida”. Essa nova posição era vista como um direito por tudo que fez pela humanidade, para conquistar esse direito era necessário viver livre, sem autoridade ou obstáculos morais burgueses que impediam o progresso da emancipação humana. A luta, segundo Bolten, precisava agregar educação, intelectualidade e consciência às trabalhadoras e aos trabalhadores, dispostos a não abrir mão de sua moral e ética e de seu equilíbrio moral.

Para vivir es preciso contar con la suficiente libertad par el desarrollo físico y moral... sin más autoridad que su ciencia y su educación, producir según sus fuerzas, consumir según sus necesidades, sin otra patria que el mundo, sin otra religión que la ciencia, su familia y la humanidad. Trabajando según sus aptitudes o en lo que crea ser más útil en una sociedad de libres y de iguales. Llegar a la meta de su intelectualidade... lucha debe ser tenaz pero armónica y consciente para descubrir los próximos medios científicos y actuales disponibles a fin de guiar la educación de todo productor sin abdicar

---

<sup>34</sup> Por isso é necessário preparar-se para luta contra toda essa corte de grandes pequenos que contam com a ignorância do povo e a falta de ideais; delimitar posições de forma concisa, para que todos os interessados nos entendam e não sirvam inconscientemente como suportes para uma sociedade decrepita e impostora que depois de humilhá-los tem o cinismo de desprezá-los.

no transigir, con doctrinas contrarias, y aprovechando todas las circunstancias favorables para que el pueblo luche sin tregua, hasta que el equilibrio sea imposible; entonces... ha llegado el momento de proclamar nuestro lema de redención, justicia, equidad y progreso.<sup>35</sup> (EL OBRERO, 1905).

O texto de Bolten se concentra na tese de que toda sociedade precisa ser igual econômica e socialmente, vislumbrando um futuro no qual as autoridades não existissem. Esse futuro seria o triunfo da Anarquia e do bem-estar social dos homens e mulheres, que neste caso, seriam totalmente emancipados.

No ano de 1909, Virginia participou do grupo editor do periódico *La Nueva Senda- Contra toda forma de explotación y tiranía* juntamente com Juana Rouco Buela. Bolten participava ativamente de atividades do *La Nueva Senda*, como por exemplo, as manifestações em repúdio ao fuzilamento do espanhol Francisco Ferrer y Guardia. Durante a manifestação de 17 de outubro de 1909, Bolten e Juana Buela dividiram o mesmo palanque; Buela se concentrou em falar sobre a grande repressão na Espanha e a violência contra o anarquismo. Após a manifestação, Juana foi perseguida e precisou se afastar da direção do *La Nueva Senda*, que ficou sob os cuidados de Virginia Bolten.

[...] por la persecución policial Juana Buela es declarada prófuga, y la dirección de La Nueva Senda pasa a manos de Bolten desde su tercer número. Bajo su tutela, y hasta su último número, el periódico se pondrá al frente de la campaña por la liberación de los presos del mitin pro-Ferrer.<sup>36</sup> (PRIETO; FERNÁNDEZ CORDERO; MUÑOZ, 2014, p. 216).

---

<sup>35</sup> Tradução livre: Para viver é preciso ter liberdade suficiente para o mais amplo desenvolvimento físico e moral, sem mais autoridade do que sua ciência e educação, produza de acordo com suas forças, consuma de acordo com suas necessidades, sem outra pátria do que o mundo, sem outra religião que não a ciência, sua família e humanidade. Trabalhando de acordo com suas habilidades ou o que eles acham que é mais útil em uma sociedade de livre e igual. Alcançar a meta de sua intelectualidade...a luta deve ser tenaz, mas harmoniosa e consciente para descobrir os próximos cientistas e os meios atuais disponíveis para orientar a educação de todos os produtores sem abdicar de transigir com doutrinas contrárias, aproveitando todas as circunstâncias favoráveis para o povo lutar sem trégua, até que o equilíbrio seja impossível; então ... chegou a hora de proclamar nosso lema de redenção, justiça, equidade e progresso.

<sup>36</sup> Tradução livre: [...] devido à perseguição policial Juana Buela é declarada fugitiva, e a gestão de La Nueva Senda passa para às mãos de Bolten a partir de sua terceira edição. Sob sua tutela, e até sua última edição, o jornal estará à frente da campanha pela libertação dos prisioneiros da manifestação pró-Ferrer.

### 4.3 O tom de Juana Rouco Buela

Juana Rouco Buela foi uma das principais militantes anarquistas da chamada *era de ouro* do anarquismo argentino nos princípios do século XX. Seu discurso girava em torno de questões femininas e políticas, produziu diversos textos em que defendia a liberdade da mulher, a liberdade do homem e a emancipação de toda humanidade.

De origem espanhola, nascida em Madri no ano de 1889, era filha de um operário e de uma costureira. Em busca de melhores condições de vida, a mãe enviou o irmão de Juana para Buenos Aires, cidade do reencontro dos irmãos no ano de 1900, quando ela aportou em solo argentino. Foi na capital da Argentina que Juana conheceu, ainda jovem, o anarquismo. (BUELA, 2012, p. 25-26). Embora imigrante, tornou-se anarquista em solo argentino.

Juana Buela participou ativamente das atividades da FORA. Seu primeiro grande evento foi em 1904, quando tinha apenas 15 anos, na Plaza Mazzini, local onde acontecia uma manifestação organizada pela FORA e pelo Partido Socialista. A repressão policial à manifestação foi excessiva e um trabalhador de nome Juan Ocampo foi morto. Buela, juntamente com suas companheiras e companheiros ajudaram a levar o corpo de Ocampo até a sede da FORA. Esse foi seu “batismo de sangue” e um dos marcos do anarquismo no século XX. (FINET, 2012, p. 11).

Integrando a FORA, Juana tinha consciência sobre a importância de mulheres e homens nas organizações e clamava por maior participação feminina no anarquismo. Para Buela, mulheres e homens precisavam andar juntos para que o anarquismo pudesse se organizar fortemente em busca de um objetivo comum: a revolução social.

Pela Lei de Residência, vigente desde 1902, Buela foi condenada à deportação em razão de sua ativa militância, voltando para Espanha por volta de 1908. Lá chegando, participou intensamente das manifestações por conta da morte de Ferrer y Guardia, em 1909. Após se envolver nos protestos, Juana foi expulsa da Espanha; passou pela França, retornou à Argentina, registrou uma temporada no Uruguai e mesmo no Brasil. (FINET, 2012, p. 14).

Suas produções foram inúmeras, redigiu e administrou o periódico *Nuestra Tribuna*, no qual demonstrava uma enorme vontade de levar suas ideias para todas e todos e criar um círculo de discussões em favor do anarquismo e das mulheres. Redigiu, também, um folheto com uma série de textos sobre mulheres e anarquia intitulado *Mis Proclamas*, o qual foi publicado pelo Editorial Lux de Santiago de Chile, sem data identificada. Sua última publicação foi a autobiografia *Historia de un ideal vivido por una mujer*, publicada em 1964, cinco anos antes de sua morte.

No folheto *Mis Proclamas* Juana Rouco Buela publicou textos das mais variadas temáticas que compreendiam de críticas ao feminismo até o estímulo à luta política. Seus textos eram direcionados prioritariamente às mulheres, embora alguns se dirigissem, de forma geral, a ambos os sexos. O texto *Libertad* integrava a publicação desse folheto e tinha a intenção de discorrer sobre a liberdade da mulher e do homem. Segundo Juana, era necessário clamar por liberdade, o único caminho para realmente afugentar a opressão.

No texto de Buela a liberdade é representada como algo esplendoroso e brilhante que tem como objetivo emancipar a humanidade das injustiças sociais. O artigo procura definir o que é liberdade, como se ela fosse algo palpável e perto da conquista do trabalhador e da trabalhadora.

¡Oh, Libertad! Ven con tus esplendorosos rayos a iluminar a la humanidad, que se halla postrada en un mar sin fondo de esclavitud, en un inconmensurable laberinto de bajas y bastardas pasiones!  
¡Libertad! Los pueblos ansiosos-te...claman contra la injusticia social.¡Libertad! Te clama el obrero en su reivindicacion, que amenaza barrer con todo lo que signifique tirania y explotacion; que desea destruir el capital y el oro, causa de todos los males, que clavan sus uñas en el carne obrera que no supo jamas reivindicar sus derechos, sofriendo humildemente todas las humillaciones que una clase envilecida y soberbia ha querida inferirle en todos los momentos de su vida, desesperada y miserable.<sup>37</sup> (BUELA, [19--?], p. 28).

---

<sup>37</sup> Tradução livre: Oh liberdade! Venha com seus esplêndidos raios iluminar a humanidade, que está prostrada em um mar sem fundo de escravidão, em um imensurável labirinto de paixões baixas e bastardas! Liberdade! Pessoas ansiosas...clamam contra a injustiça social. Liberdade! O trabalhador chama você em sua defesa, que ameaça varrer tudo o que significa tirania e exploração; que quer destruir capital e ouro, a causa de todos os males, que cravam as unhas na carne do trabalhador que nunca soube reivindicar seus direitos, suavizando humildemente todas as humilhações que uma classe desprezível e arrogante quis lhe infundir em todos os momentos da sua vida, desesperada e miserável.

A mulher, segundo Juana, é vista como escrava do homem, a escrava dos escravos, tal como Piotr Kropotkin a definiu em *A conquista do pão*, livro de 1892. Todas as misérias morais da humanidade caem sobre a mulher, sempre submetida a condições degradantes na vida privada e no trabalho. A mulher é uma vítima da opressão social da humanidade, condenada, segundo Rouco, a sofrer as misérias físicas e morais.

¡Libertad! Te clama ansiosa la mujer, hija de doble esclavitud la esclavitud del marido y de una sociedad que la condena a sufrir todas las miserias morales, inherentes a su organizacion por demas defectuosa.<sup>38</sup> (BUELA, [19--?], p. 28).

Em prol da liberdade, mulheres e homens marcham na esperança de encontrar um destino em que ninguém é escravo de ninguém, em que as aspirações humanitárias estão acima do Estado, da Igreja e da burguesia capitalista. O futuro que os aguarda é o resultado da luta política, já incentivada anos antes por Pepita Gherra e Virginia Bolten; a luta capaz de libertar a sociedade da força, da moral burguesa, da ignorância e da exploração do homem pelo homem.

¡Libertad! Bajo tu símbolo hoy se presentan las falanjes obreras de ver y analizar cuales son las causas de encontrarse relegados a me condicion miserable, de parias errantes y sin hogar, sin vida y sin amor, despreciados de los que a su lado pasan luciendo joyas y sedas, mientras ellos muestran sus carnes a traves de sus andrajos. ¡Libertad. Tu nombre es una epopeya que despierta del letargo as huestes del trabajo, hasta ayer adormecidas por la ignorancia y explotacion. ¡Libertad. Hoy...las mujeres...forman compactas lecciones para cantar un salmo de esperanza y de conquista, a la magna reivindicacion de sus aspiraciones humanitarias... Si por la Libertad perecieron tantos: unos en la horca y la torvura, en la guillotina y el ostracismo, otros, es la nuestra una cobardía injénita, no plegarnos triunfantes...nuestro último salmo: Basta de esclavos... viva la Libertad.<sup>39</sup> (BUELA, [19--?], p. 28-29).

---

<sup>38</sup> Tradução livre: Liberdade! A mulher clama por você, filha de uma escravidão dupla, a escravidão do marido e de uma sociedade que a condena a sofrer todas as misérias morais, inerentes a sua organização por demais imperfeita.

<sup>39</sup> Tradução livre: Liberdade! Sob seu comando hoje se apresentam as falanges de trabalhadores para ver e analisar quais são as causas de ser relegado a uma miserável condição, vagando marginais e sem-teto, sem vida sem amor, desprezados por aqueles que passam ao seu lado exibindo joias e sedas enquanto eles mostram sua carne através de seus trapos. Liberdade! Seu nome é uma epopeia que desperta da letargia do trabalho, até ontem embalado pela ignorância e exploração. Liberdade! Hoje...mulheres...formam legiões compactas para cantar um salmo de esperança e de conquista, para a grande defesa de suas aspirações humanitárias.... Se pela

Juana Rouco Buela não poupou esforços para seguir na luta pelas mulheres e pelo anarquismo; atravessou o Atlântico diversas vezes, enfrentando processos judiciais e prisões, ainda sim se manteve firme no ideário anarquista. Seus textos estão recheados de reflexões profundas, poesia e consciência social, sempre disposta a incentivar a mulher para que essa deixasse de ser a escrava dos escravos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem realizada neste trabalho afirma o caráter revolucionário do movimento de mulheres anarquistas, que questionava a opressão da mulher e lutava por sua emancipação, rejeitando o direito ao voto por entendê-lo como incapaz de romper com o princípio da dominação masculina. Observa-se assim a linha de frente das anarquistas, a qual englobava, também, o campo da moral sexual, caracterizando-se pelo desejo de transformar as relações de gênero, de modo a redimensionar os papéis de mulheres e homens na sociedade.

Nas análises que realizamos é possível perceber que as libertárias faziam críticas a diversas instituições da sociedade estabelecida, revelando uma forte dimensão política na censura feita ao Estado, ao Capital e à Igreja, em especial. No que diz respeito à emancipação da humanidade, não pouparam esforços na crítica dirigida também, a maridos, patrões e religiosos.

Avaliando o papel da mulher argentina na luta por sua emancipação é possível destacar a importância que a tomada de consciência tem na (re)invenção de uma “nova mulher”. Ou seja, o despertar da consciência destina-se a fomentar uma nova formação político-moral, que levaria não só a emancipação feminina, mas a emancipação do homem e da própria humanidade, promovendo, assim, a revolução social que daria origem a uma nova organização social. As libertárias tomaram para si tais princípios vitais do movimento anarquista, sem absorvê-los ou reproduzi-los de forma automática, mas procurando (re)elaborá-los tanto de acordo

---

liberdade pereceram tantos: alguns por enforcamento e tortura, na guilhotina e no ostracismo, outros, é a nossa covardia inapta, não pregamos triunfantes...nosso último salmo: Chega de escravos.... viva a Liberdade.



com a situação social da mulher e das experiências pessoais e coletivas de cada uma, quanto das contingências sócio históricas do tempo e do lugar de recepção desse ideário.

As mulheres anarquistas, portanto, tiveram uma participação crucial nas lutas políticas travadas na época, seja em suas casas, seja nas fábricas onde trabalhavam, ou em qualquer outro ambiente em que se inseriam, sobretudo, na imprensa. Reconhecer sua importância e seu valor na denúncia e resistência a uma sociedade exploradora e opressora se faz fundamental para percebermos que a mulher pode ser protagonista, tanto quanto o homem, na busca por uma sociedade mais justa, igualitária e solidária.

Com este texto, consideramos possível afirmar que houve uma ampliação de horizontes no que diz respeito à historiografia do movimento anarquista argentino. A difusão entre nós, aqui no Brasil, onde ainda pouco se conhece sobre a experiência feminina do anarquismo na Argentina, pode estimular estudos comparados que venham a viabilizar a produção de novos e oportunos saberes.

Para finalizar, julgamos importante destacar que estudar e produzir história são exigências necessárias para ampliar a compreensão da condição humana, nos ajuda a entender a sociedade contemporânea em sua relação com o passado que a preparou. Dessa forma, talvez sejamos capazes de reunir as condições para transformar a vida, buscando a construção de uma sociedade justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS

ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael (Org.). **História do anarquismo no Brasil**: v. 2. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

BARRANCOS, Dora. **Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina a principios de siglo**. Buenos Aires: Contrapunto, 1990.

BUELA, Juana Rouco. **Historia de un ideal vivido por una mujer**. Madrid: La Malatesta Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mis proclamas**. Santiago do Chile: Editorial Lux, [19--?].

CARONE, Edgard. Propaganda pelo Fato. **Revista Novos Rumos**, Marília, SP, v. 9, n. 23, 1994.

EL OBRERO. Buenos Aires: [s.n.], 1905. Publicação do dia: 01 jun. 1905.

FERNÁNDEZ CORDERO, Laura. **Amor y anarquismo**: experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

\_\_\_\_\_. Queremos emanciparos: anarquismo y mujer en Buenos Aires de fines del XIX. **Revista Izquierdas**, v. 3, n. 6, 2010.

FINET, Héléne. Prólogo. In: \_\_\_\_\_. **Historia de un ideal vivido por una mujer**. Madrid: La Malatesta Editorial, 2012.

LA PROTESTA HUMANA. Buenos Aires: [s.n.], 1897. Publicação do dia: 01 ago. 1897.

LA QUESTIONE SOCIALE. Buenos Aires: [s.n.], 1895. Publicação do mês: ago. 1895.

LA VOZ DE LA MUJER. Buenos Aires: [s.n.], 1896. Publicações dos dias: 08 jan, 31 jan. e 18 out. 1896.

LOBATO, Mirta Zaida. Entre la protección y la exclusion: Discurso maternal y proteccion de la mujer obrera argentina, 1890-1934. In: SURIANO, Juan. **La cuestion social en Argentina: 1870-1943**. Buenos Aires: Editorial La Colmena, 2000.

\_\_\_\_\_. Mujeres obreras, protesta y acción gremial en la Argentina: los casos de la indústria frigorífica y têxtil de Berisso. In: BARRANCOS, Dora. **Historia y género**. Buenos Aires: CEAL, 1993.

MALATESTA, Errico. **Escritos Revolucionários**. São Paulo: Novos Tempos, 1989.

MARTINS, Angela Maria Roberti. “Mulher liberta-te!”: o anarquismo e as mulheres. In.: LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro; MARTINS, Angela Maria Roberti; SANTOS, E. M. (Org.). **Pensando a História**: reflexões sobre as possibilidades de se escrever a História através de perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

MOLYNEUX, Maxine. **Ni Dios, Ni Patrón, Ni Marido. Feminismo anarquista en la Argentina del siglo XIX**. FEIJOÓ, María Carmen (Org.). La Voz de la Mujer. Periódico comunista-anárquico. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.

MUÑOZ, Julián Vadillo. **Abriendo Brecha**: Los inicios de la lucha de las mujeres por su emancipación. Madrid: Editora Volapuk, 2013.

NARI, Marcela María Alejandra. El feminismo frente a la cuestión de la mujer las primeras décadas del siglo XX. In: SURIANO, Juan. **La cuestión social en Argentina: 1870-1943**. Buenos Aires: Editorial La Colmena, 2000.

NUESTRA TRIBUNA. Necochea, BA: [s.n.], 1922-1925.

OVED, Isaac. **El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina**. México: Siglo XXI, 1978.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PRIETO, Agustina; FERNÁNDEZ CORDERO, Laura; MUÑOZ, Pascual. **Tras los pasos de Virginia Bolten**. Política de la Memoria, n. 14, 2013/2014.

RAGO, Margareth. **Anarquismo e feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1998.

\_\_\_\_\_. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROMANI, Carlo. La emigración europea y las escuelas libertarias en Argentina y Brasil en los albores del siglo XX. **Revista Navegar**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, jan./jun. 2017.

TOLEDO, Cecília. O marxismo e a emancipação da mulher. **Revista Marxismo Vivo**, n. 12, 2005. Disponível em:  
<[http://www.litci.org/pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1:artigo1&catid=41:mundo](http://www.litci.org/pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1:artigo1&catid=41:mundo)>. Acesso em: 4

WALTER, Nicolas. **Do anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2000.

WOODCOCK, George. **Anarquismo: uma história das ideias e movimento libertários: volume 1**. Rio de Janeiro: L&PM, 1983.